



EVANGELHO DE MATEUS

MILAGRES DE CURA

Demonstração de fé, poder e inclusão na sociedade

Os relatos de milagres nos evangelhos podem ser classificados em quatro grupos: cura, exorcismos, ressurreições e intervenções na natureza.¹ Com o evangelho da comunidade de Mateus, não é diferente. O esquema utilizado na narrativa de um milagre é:

- a) Introdução, descrevendo o ambiente do encontro;
- b) O problema e os esforços para superá-lo;

- c) A súplica do pedinte;
- d) A intervenção de Jesus;
- e) O efeito produzido;
- f) A reação do povo e daquele que recebeu o milagre.

Jesus tinha consciência de sua ação taumaturgica, ou seja, milagreira.² Nos capítulos 8 e 9 do evangelho de Mateus, encontramos dez milagres realizados por Jesus. Eles possuem uma relação direta com o envio dos discípulos para o serviço

do Reino dos Céus. Assim, o discurso da missão, no capítulo 10, é precedido por dez milagres, os quais podem ser divididos em quatro formas: cura, exorcismo, ressurreição e intervenção na natureza. Os milagres são sinais que confirmam a palavra de Jesus e a dos apóstolos escolhidos para a missão evangelizadora.

OS MILAGRES DE CURA

Os milagres de cura em Mateus 8-9 referem-se a um leproso, ao servo de um centurião romano (um estrangeiro), à sogra de Pedro, a enfermos, ao paralítico de Cafarnaum, a uma hemorroíssa e a dois cegos. No tempo de Jesus, a doença era vista como abandono de Deus.³ Era consenso de que o doente estava sem a

bênção de Deus e, por conseguinte, excluído do povo eleito. O surdo e o mudo não podiam ouvir nem proclamar a *Toráh* (Lei), os leprosos eram literalmente excluídos do convívio social. A medicina, com seus poucos recursos, era algo para poucos. O povo recorria a curandeiros, magos, exorcistas ou homens santos. Quem tinha possibilidade financeira poderia recorrer aos médicos gregos ou se dirigir aos templos famosos de Esculápio, deus da Medicina, ou a santuários de Ísis e Serápis, divindades curadoras, e até mesmo banhar-se em fontes sagradas consideradas terapêuticas. Os conterrâneos de Jesus, por viverem em aldeias longe das cidades e em situações de pobreza, não tinham acesso a esses recursos.⁴ Jesus faz curas nesse contexto.

CURA DO LEPROSO QUE DESAFIA JESUS

Em Mateus 8,1-4, Jesus desce da montanha e encontra-se com um leproso. Este se dirige a Jesus, afirmando que Ele poderia curá-lo se assim quisesse. Jesus responde que sim e o cura, mas lhe pede que não diga nada a ninguém e que procure o sacerdote para fazer a sua oferta. Isso lhe servirá como prova.

A partir daquele momento, a pessoa curada deixava de pertencer à categoria dos doentes, impuros e como que "castigados" por Deus e voltava a fazer parte da sociedade. Era o fim de uma exclusão social. Jesus desce da montanha, o lugar do encontro com

Jesus e o Centurião, 1571, Paolo Veronese

Deus, e caminha em direção à cidade de Cafarnaum, onde estão os “puros”. O doente sabia que podia procurar ajuda em Deus. Ele reconhece Deus em Jesus e, por isso, afirma que Ele pode curá-lo. E Jesus lhe impõe as mãos, isto é, tem um contato curativo com o doente, a partir do qual lhe é transmitida a força divina. Jesus é visto como o grande médico das almas e dos corpos, Aquele que foi enviado por Deus para salvar a todos.

A doença, nessa passagem, é chamada de lepra, que poderia ser qualquer doença de pele. Atualmente se usa o termo hanseníase, por não ser tão estigmatizado como lepra e leproso. A hanseníase é uma doença transmissível, causada por uma bactéria denominada *Mycobacterium leprae*, daí também o nome lepra. O termo hanseníase foi dado em homenagem ao descobridor da bactéria, Gerhard Hansen (1841-1912). A doença já era conhecida muito antes de Jesus. O livro do Levítico dedica dois capítulos à lepra (os capítulos 13 e 14), mostrando as incidências sobre seu portador e a comunidade de Israel. Sem conhecer bem a origem da doença, esta era identificada como impureza e seu portador, como impuro, e, por esse motivo, deveria ser afastado da vida social. O leproso deveria usar vestes rasgadas, ter cabelos desgrenhados, ter o bigode coberto e clamar: “Impuro! Impuro!” Enquanto estivesse com a doença, era obrigado a morar em lugar isolado, conviver com outros impuros, como os samaritanos, mas não com os puros da cidade. Daí que o homem disse a Jesus que Ele poderia purificá-lo. Essa orientação motivou a segregação de hansenianos nos chamados leprosários. A lepra era considerada um castigo dado por Deus e os parentes do leproso deveriam chorar por ele (cf. 2 Cr 26,16-23). Quando alguém era curado de lepra, ele teria de se apresentar ao sacerdote (cf. Lv 14). Jesus, sabedor dessa lei, pedia ao curado que se mostrasse ao sacerdote.

O Brasil é o segundo país no mundo com maior incidência de hanseníase. Em países desenvolvidos, essa doença já foi erradicada. O governo brasileiro limita-se a possibilitar o diagnóstico e o tratamento gratuito, mas não sua erradicação. No entanto, há grupos que trabalham com esse objetivo. A população precisa ser conscientizada da importância do diagnóstico precoce para lograr a cura. Outro grande desafio a ser vencido é o preconceito.



Cura do cego, 1871. Carl Bloch

CURA DO SERVO DE UM CENTURIÃO QUE TINHA FÉ

O segundo milagre de Jesus narrado por Mateus 8,5-13 é o do servo de um centurião que jazia paralisado e com dores atrozes, na cidade de Cafarnaum. Ao pedido do centurião, Jesus decide ir curá-lo, mas esse Lhe diz ser indigno de recebê-lo em sua casa, e que bastava uma só palavra de Jesus e seu servo estaria curado. Jesus maravilha-se diante da fé do estrangeiro: “Em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé!”, exclama (cf. Mt 8,10b). E ele continua dizendo que o Reino será tirado dos legítimos herdeiros das promessas, os judeus, e dado aos gentios de fé. Depois disso, Ele cura o servo do centurião por meio da palavra. Assim como o leproso, o centurião representa mais um excluído do projeto do Reino. No entanto, sua inclusão se dá pela fé. Ele passa a fazer parte das promessas abraâmicas. A questão aqui não reside no fato extraordinário da cura do servo (milagre), como vimos anteriormente, mas na manifestação do divino

que muda o curso dos fatos: um estrangeiro é acolhido no Reino dos Céus por meio da fé. O mistério de Deus revelado em Jesus ultrapassa fronteiras. A palavra do centurião em relação a seus súditos, que se baseava no poder do Império Romano, contrapõe-se ao poder da palavra de Jesus, que tem sua origem em Deus e não no imperador.⁵ A Igreja conservou as palavras do centurião romano na missa, quando o fiel reza antes de receber a eucaristia: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e eu serei salvo” (cf. Mt 8,8).

CURA DA SOGRA DE PEDRO E DISCÍPULA DE JESUS

O terceiro milagre de Jesus é também de cura (cf. Mt 8,14-15). Em Cafarnaum, Ele entra na casa de Pedro e vê a sogra deste acamada e com febre. Jesus toma-a pela mão e a febre a deixa. Ela se levanta e começa a servi-los. Ali, Ele também cura outros enfermos. A sogra (cujo nome não foi mencionado nessa passagem do

evangelho) levanta, isto é, ressuscita (o verbo usado é o mesmo para ressurreição) e começa a servir Jesus. A saúde é uma condição para servir, no Reino inaugurado por Jesus. Salvação e ressurreição caminham juntas. O importante não é a sogra, mas sua ligação com Pedro, isto é, ela pertence à comunidade dos discípulos de Jesus que levam adiante o Reino.

UM PARALÍTICO DE FÉ É PERDOADO E CURADO

O quarto milagre de cura (cf. Mt 9,1-8), nessa seleção feita por Mateus, ocorre também em Cafarnaum, considerada a “cidade de Jesus”. A um paralisado de fé que estava deitado em uma cama, Jesus perdoa os pecados. Os escribas, vendo o ocorrido, afirmam que Ele está blasfemando. Jesus reprova-os e também diz ao paralisado para levantar, pegar sua cama e ir para casa. Diante do milagre, as multidões ficam espantadas e louvam a Deus pelo poder dado aos homens. Fé, cura e perdão dos pecados constituem esse milagre, isto é, essa intervenção de Deus na história humana. Ainda mais, Deus concede aos “homens”, por meio de Jesus – o Filho do Homem –, o poder de perdoar pecados. A nova comunidade, a Igreja nascente, sai fortalecida nesse episódio.⁶ O paralisado, agora, limpo por dentro e por fora, não tem mais motivo para ficar imobilizado e ser servido; pode levantar (ressuscitar) e caminhar. Tudo isso foi motivo de espanto para as multidões. No entanto, há de se considerar que o foco não é o paralisado, mas a presença do sagrado nesse episódio.

A MULHER HEMORRÁGICA E OS DOIS CEGOS – TOQUES SALVADORES

O quinto e o sexto milagres de cura referem-se a uma mulher que sofria de um fluxo de sangue havia doze anos e de dois cegos (cf. Mt 9,20-22.27-31). Ela simplesmente toca por trás a orla da veste de Jesus e é curada. Ele, percebendo o fato, afirma que ela foi curada pela fé. Ainda caminhando, dois cegos seguem a Jesus, gritando que Ele era o “Filho de Davi” e que poderia ter compaixão deles. Jesus para e pergunta se eles acreditam que Ele poderia curá-los. “Sim, Senhor”, responderam os cegos (cf. Mt 9,28d). Jesus,

então, toca-lhes os olhos e diz: “Seja feito segundo a vossa fé” (cf. Mt 9,29b). Enxergando, eles saíram dali e começaram a espalhar o fato por toda a região, embora Jesus tivesse lhes admoestado que nada dissessem a ninguém.

A mulher, da qual não se conservou o nome, é chamada simplesmente de hemorroíssa, isto é, aquela que tinha um fluxo de sangue havia doze anos. Ela é identificada com sua exclusão. Trata-se de uma doença que colocava a mulher em situação de impureza. Ela não podia tocar ninguém, bem como todo o lugar onde tocasse também ficaria impuro. “O sangue era sinal de vida, mas o da menstruação, de morte. A menstruação da mulher, no judaísmo, era o sinal evidente de sua impureza. Por isso, a mulher tinha muitos filhos para não se sentir impura. A perda de sangue estava ligada à morte, fonte de impureza. Sangue menstrual era o sangue da morte.”⁷ A hemorroíssa tinha consciência de tudo isso, mas ousa tocar o “homem puro e sagrado”, Jesus. O toque dela é percebido imediatamente por Ele e, mais uma vez, a fé é a causa da cura, do milagre que inclui novamente no povo eleito.

Já os cegos não veem Jesus passar, como a hemorroíssa, mas sentem que estavam diante do “Filho de Davi”, isto é, do Messias esperado, que poderia curá-los, pois tinham fé n’Ele. Nesse episódio, contrário ao da hemorroíssa, é Jesus que toca os olhos dos cegos. E eles, dois cegos – “dois” significando que o testemunho é verdadeiro – veem. Ver, no Segundo Testamento, é sinal de crer. Já no Primeiro Testamento, o crer está ligado ao *Shemá*, verbo hebraico que, em português, significa ‘ouvir, escutar, interpretar’. O *Shemá* estava no coração de cada judeu. Quem, ainda hoje, não ouviu ou cantou as palavras de Deuteronômio 6,4: “Escuta (*Shemá*), ó Israel! O Senhor nosso Deus, o Senhor é Um”.

“Esse versículo constitui a profissão de fé israelita. Todo israelita deve recitá-lo, conforme se acha escrito no ritual, todos os dias, pela manhã e à noite. As primeiras palavras que uma criança deve aprender a pronunciar são: *Shemá* Israel... e as últimas palavras que pronuncia um israelita morrendo são: *Hashem Elohénu, Hashem Ehad* (O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um).”⁸ Os dois cegos professavam essa fé, mas também queriam ver o Filho de Davi. Eles já creram e foram curados. Com os

olhos abertos e enxergando, eles deram testemunho do Messias e da Sua boa-nova do Reino. Eles foram reintegrados no povo de Israel, pois podiam estudar a *Toráh* (Lei). Esse foi o milagre acontecido. Jesus faz ver pela fé. Os cristãos viam os milagres de Jesus e acreditavam que Ele era o Filho de Deus. Os judeus interpretavam para poder crer.

SENTIDO DOS MILAGRES DE CURA

Como vimos, o milagre possui relação estreita com a fé. Jesus não cura para a pessoa passar a ter fé, mas ela já chega com fé declarada em Seu poder divino. Jesus não cura para demonstrar o Seu poder, mas para readmitir na sociedade o curado, que passa a poder servir, levar a própria cama, andar, falar e até ir ao sacerdote para lhe contar o ocorrido e agir conforme a lei previa em caso de cura. Com isso, Jesus garantia a reintegração da pessoa na sociedade. Nisso reside o sentido do milagre da cura.

NOTAS

- RODRIGUES, Maria Paula. *Palavra de Deus, palavra da gente*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 153-154.
- SABOYA, Marysa Mourão (Org.). *Prosseguir o caminho com as comunidades judaico-cristãs: uma leitura do evangelho de Mateus feita pelo Cebi-MG*. São Leopoldo: Oikos; Minas Gerais: Cebi, 2014. p. 58-63.
- RODRIGUES, Maria Paula. *Palavra de Deus, palavra da gente*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 153-154.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 192-198.
- GORGULHO, Gilberto S.; ANDERSON, Anna Flora. *A justiça dos pobres: Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 88.
- STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 70-71.
- FARIA, Jacir de Freitas. *Israel e Palestina em três dimensões: judaísmo, cristianismo e islamismo*. 2. ed. Belo Horizonte: Província Santa Cruz, 2011. p. 51.
- _____. A releitura da Torá em Jesus. *Ribla*, Petrópolis, n. 40, p. 18, 2001.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaepocrifos.com.br



Arquivo pessoal